

Estudo revela que 66,5% dos inquiridos nunca foi a uma assembleia magna

# Estudantes universitários estão divorciados da vida associativa

**Setenta por cento dos inquiridos no âmbito do estudo revelam nunca ter ido a uma manifestação estudantil e uma percentagem idêntica afirma jamais ter participado numa assembleia magna**

Questionados, no âmbito de um estudo abrangente acerca das práticas e atitudes dos estudantes da Universidade de Coimbra (UC), sobre a regularidade com que participaram em diversas actividades associativas e manifestações públicas ao longo de 2004, 66,5% dos alunos inquiridos disseram nunca ter ido a uma assembleia magna e 69,8% admitiram não ter participado em nenhuma manifestação estudantil.

No estudo, do sociólogo Elísio Estanque e do historiador Rui Bebbiano, abrangendo cerca de 15% da população estudantil da mais antiga universidade portuguesa, 71% dos alunos responderam que, no ano anterior ao inquérito, nunca se integraram em qualquer outro tipo de manifestação pública.

Quanto à participação em reuniões dos núcleos existentes nas faculdades ou dos cursos, mais de metade dos estudantes (54,2%) responderam nunca ter estado presente nessas iniciativas. Ao interpretar estes dados, Rui Bebbiano considera que revelam «o desinteresse dos estudantes pelas questões cívicas» e o acentuar do individualismo, enquanto Elísio Estanque sublinha que evidenciam «um relativo divórcio entre a massa estudantil e os activistas».



O cortejo das Queima das Fitas é dos poucos momentos com expressiva participação dos estudantes

«É a lógica da massificação da Universidade. Há uma certa dinâmica do anonimato e do individualismo, em que se vive a Universidade apenas em alguns momentos e em certos rituais, como a Queima das Fitas ou a Latada», afirmou Elísio Estanque.

## Demarcar-se das lideranças

Na opinião sobre a Direcção-geral da Associação Académica de Coimbra (DG-AAC), embora 39,8% admitam que a estrutura «representa e defende os interesses dos estudantes», cerca de metade dos alunos (49%) concordam que se trata de «um organismo elitista que promove o acesso à política».

«Nota-se, nos estudantes, uma tendência para se demarcarem das lideranças: o representante, que é eleito, não está ali para defender os interesses da colecti-

vidade mais vasta, mas para afirmar o seu protagonismo e fazer carreira à custa disso», observou Elísio Estanque.

Na perspectiva do professor da Faculdade de Economia da UC, verifica-se «uma lógica de fechamento, que não é visível no discurso», com um funcionamento em que as práticas são centradas no pequeno grupo.

«Os activistas promovem iniciativas, mas aparecem poucos estudantes. Tendem, então, a atirar a responsabilidade para o lado de fora: os líderes não entendem que eles é que têm de criar condições para envolver todos», adiantou. Ao explicar o desligamento entre o corpo estudantil e a vida da cidade, os autores do estudo observam que a intensa mobilidade dos estudantes, oriundos sobretudo da região Centro, faz com que permaneçam em Coimbra apenas três ou quatro dias, tempo que acaba por ser

preenchido sobretudo com as actividades lectivas.

Numa análise mais ampla, explicam as dificuldades na mobilização e na participação cívica com condições sociais e políticas mais gerais, nomeadamente a crise económica, o desemprego, as dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, o crescente desinteresse dos cidadãos em relação à política, os novos hábitos de consumo e lazer ou as tecnologias da informação.

## Estudantes lêem pouco

Desenvolvido no Centro de Estudos Sociais da UC e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o projecto «Culturas Juvenis e Participação Cívica: diferença, indiferença e novos desafios democráticos» privilegiou uma abordagem histórico-sociológica, tratando o movimento estudantil dos anos

60 e fazendo uma caracterização sociológica da comunidade estudantil actual, recorrendo a um inquérito representativo de todas as faculdades da UC.

Entre outras vertentes, este inquérito evidenciou também que perto de 33% dos inquiridos raramente ou nunca lêem jornais e, no ano anterior ao inquérito, 18,3% não leram qualquer livro fora do âmbito escolar.

Nas atitudes face à praxe académica, perante um conjunto de oito afirmações em que os estudantes eram chamados a escolher apenas três, a mais assinalada (71,8%) é a de que «deve ser facultativa e respeitar quem não quiser aderir», seguindo-se a afirmação de que «deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica» (escolhida por 67,3% dos alunos).

Neste quadro, a terceira afirmação mais assinalada (51,5%) aponta para a revisão da praxe no sentido de receber melhor os novos alunos.

«A identidade do estudante universitário de Coimbra tal qual a concebemos durante séculos, através de um imaginário ligado a ícones como o Penedo da Saudade e ao Choupal, está claramente posta em causa com esta realidade», considera Rui Bebbiano, professor da Faculdade de Letras da UC.

Ao definir o perfil do que poderia ser o estudante-padrão actual da UC, uma das mais antigas a nível mundial e marcada por uma crescente feminização da sua comunidade estudantil, Elísio Estanque é sumário: «Mulher, preocupada em estudar e fazer as cadeiras e arranjar um emprego».



19/04/1919

A alegada perseguição aos estudantes republicanos por parte dos professores da Faculdade de Direito, durante a 1.ª República, deu origem a um episódio que agitou a Academia de então. Como refere Alberto Sousa Lamy, no livro «A Academia de Coimbra», em Março de 1919, os professores da Faculdade de Direito António Faria Carneiro Pacheco, António de Oliveira Salazar, Domingos Fezas Vitral e João Maria Telo de Magalhães Colação foram suspensos pelo Governo. Em causa estaria a alegada propaganda monárquica que faziam nas suas aulas. Os restantes professores, solidários, suspenderam as suas aulas e a 19 de Abril de 1919 um inquérito do Supremo Tribunal de Justiça é divulgado, ilibando a culpa dos docentes. Algo que desagradou profundamente aos estudantes republicanos. Estes, relata Alberto Sousa Lamy, telegrafaram ao Governo que seis dias depois revoga a decisão do juiz. Na sequência da pressão provocada pelo caso, o reitor Joaquim Mendes dos Remédios demitiu-se e o Governo nomeou, por decreto, o reitor interino, Joaquim Coelho de Carvalho.

## Presidente da Associação Académica culpa a sociedade

O presidente da DG-AAC admitiu o défice de participação estudantil em manifestações e actividades cívicas e associativas, atribuindo grande parte da responsabilidade a uma sociedade que prima pelo individualismo e competitividade. «Não será tanto um problema da Associação, mas da sociedade que, ao pautar-se pelo individualismo e pela competitividade, afasta os estudantes do que deviam ser traba-

lho colectivo e solidário», disse à agência Lusa. Paulo Fernandes destacou também o «contexto cada vez mais difícil» do ensino superior e as próprias dificuldades económicas dos estudantes e das famílias, que levam a que os alunos se concentrem em completar o curso o mais depressa possível, afastando-os da vida académica e cívica.

«Apesar disso, somos das associações que têm mais participa-

ção dos estudantes e a AAC é uma das estruturas mais ecléticas e que movimentam os maiores números de atletas através das suas secções desportivas», salientou.

Neste contexto, chamou também a atenção para o trabalho realizado nas secções culturais e nos organismos autónomos da AAC ou na direcção dos núcleos das faculdades.

«A situação não é o que pre-

tendíamos que fosse mas, em Coimbra, encontram-se os estudantes mais mobilizados, activos e conscientes a nível nacional», sustentou o presidente da DG-AAC, sublinhando que Coimbra «continua a ser um pólo de discussão e intervenção cívica por parte dos estudantes, junto da cidade e do país». «Devemos procurar motivar e consciencializar as pessoas sobre aquilo que se passa, mas é

um processo que não se faz de um dia para o outro», admitiu o dirigente estudantil.

Sobre o desligamento entre dirigentes e a massa estudantil, o presidente da DG-AAC vincou que a estrutura pugna por se aproximar dos estudantes, através da presença nas faculdades, da divulgação de informação, do contacto com os alunos e do empenho em resolver os seus problemas.



## **Estudantes alheiam-se da vida associativa**